

Os Secretários de todos os países unem-vos!

AVANTE!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA S. R. L.

GES
PCP

Contra a guerra e o fascismo

O fascismo ameaçou já, em Espanha e na China, a reedição da tragédia de Agosto de 1914. O povo português deve juntar os seus esforços aos que lutam por aniquilar os sinistros intuitos do fascismo, unindo-se como um só homem e lutando pela Paz e pela Liberdade!

Está provado que o «atentado» de 4 de Julho não passa duma grosseira maquinação do fascismo português.

Num escrito cheio de humorismo, Filão de Almeida aconselhava em «Os Gatos» o rei D. Carlos a «deixar-se chumbar». «Reis que não gramam chumbadas do povo são como as cigarreiras que não apanham cascudos dos amantes, umas lesmas a cuja existência se perdeu o interesse». Todos os tiranos inventam atentados, quando precisam de consolidar o prestígio abalado.

Salazar já tinha uma menos má celebridade: a do verdugo. Falta-lhe conquistar a de mártir.

Por acréscimo, protegido de Santa Isabel, como convinha a um beato.

Mas não só disso se tratava. Salazar é inacessível à glória — como diz.

E a glória, só por si, é pouco para as naturezas frias que albergam no peito ambições desmedidas. O fascismo preocupava-se com algo mais material — com a sua estabilidade. O fascismo deseja a morte que se aproxima, implacável; mas o fascismo é tenaz e sem apêgo à vida.

O atentado contra Salazar foi um «balão de oxigénio».

Como?

Salazar, o fascismo, começava a sentir o chão fugir-lhe debaixo dos pés. A sua política de intervenção em Espanha, monstruosa sob o ponto de vista humano, traiceira sob o ponto de vista nacional, provocara dissensos, discordâncias, indignação em todos os sectores da população, mesmo naqueles que outrora serviam do apoio a Salazar: no exército, na pequena e média burguesia, no funcionalismo. No proletariado acendia-se a revolta e estimulava o espírito de luta. Os pescadores do bacalhau, sem se importarem com a lei que proíbe as greves, mantêm um movimento de mais dum mês. Os camponeses assaltam os combóios de socorros aos fascistas espanhóis. Por toda a parte a organização ilegal cresce. O Partido Comunista reforça-se. A Frente Popular alarga-se. A Frente Unica proletária adquire perspectivas de realização.

Mas não só a intervenção em Espanha abre uma fenda nas forças do apoio directo do fascismo e abala o apoio indirecto fornecido pela acalmia relativa da luta das massas.

O problema da defesa das colónias, ou melhor, o problema da não

defesa do «império colonial» ante as ambições coloniais alemãs, já há mais tempo provocara o rompimento de certos grupos monárquicos, como o exprimiu a famosa carta de Paiva Couceiro contra Salazar.

Mais recentemente, as machadadas mal disfarçadas contra a «aliança inglesa»: a submissão ao eixo Berlim-Roma que fez de Portugal um instrumento da política hileriana; o rebaixamento do Exército pela criação da «Legião Portuguesa» e a bem clara preparação da guerra

civil, levada a efeito duma forma fria e metódica — tudo isso provocara uma cisão que ameaçava tornar-se cada vez mais funda no campo do fascismo. O exército começara já a manifestar-se. São conhecidas as declarações do general Morais Sarmento.

Enfim, a posição de Salazar perigava, o fascismo perdia adeptos. Era preciso reagrupar todas as forças, trazer ao rebanho as ovelhas transviadas, disparando ao

mesmo tempo uma nova ofensiva contra o movimento antifascista, em desenvolvimento no «ente».

Era preciso convencer o exército e a pequena e média burguesia que Portugal estava sob a ameaça da Internacional Comunista. Por outro lado, o «atentado» justificava a preparação da guerra civil e a passagem a guerra aberta contra a Espanha.

E assim se fez o «atentado». A melhor prova de que o «atentado» se destinava a criar o ambiente necessário à reagrupação das forças é fornecida pela artificialidade das manifestações chamadas «expontâneas».

Como se sabe, todas estas manifestações são organizadas pelo governo com o maior impudor. Certos funcionários que se recusaram a assinar telegramas de felicitações foram presos; os jornais que não «felicitarão» Salazar foram suspensos, etc.

O «atentado» foi desta arte mais uma forma de enganar o exército, a pequena e média burguesia, o funcionalismo.

Estas camadas da população que mais uma vez foram ludibriadas por Salazar, têm o dever de abrir definitivamente os olhos e de enveredarem pelo verdadeiro caminho de salvação nacional.

Não é na neutralidade da guerra de Espanha que está o perigo de Portugal! O perigo está na intervenção que nos conduz à guerra!

Não é na aproximação com as democracias que querem a paz que está o perigo de Portugal — o perigo está na submissão à Alemanha e à Itália que invadem a Espanha e sonham arrebatá-la e reduzir Portugal a uma colónia!

O perigo de Portugal está na existência dum governo de traição nacional que leva o nosso país à ruína económica, à decadência intelectual, à escravidão nacional e à guerra.

E tempo de decidirdes.

Se quereis salvar Portugal, se quereis um Portugal livre e feliz, o vosso lugar não é no lado de Salazar, é ao lado das forças da Democracia e da Paz.

Lutai contra o governo de traição nacional de Salazar!

Lutai contra a intervenção de Portugal em Espanha!

Reforçai as forças da Paz e do Progresso!

Integrar-vos no movimento dos que lutam por um PORTUGAL LIVRE E FELIZ!

II

REFORCEMOS E ALARGUEMOS O MOVIMENTO DA FRENTE POPULAR

No artigo anterior chegámos à seguinte conclusão:

«Para que a Frente Popular possa considerar-se justamente a Frente Popular portuguesa é para que possa preencher amplamente a sua missão, precisa de realizar as seguintes condições:»

1.ª — Estender a união já existente entre as várias organizações antifascistas às largas massas da população laboriosa do nosso país.

2.ª — Desencadear um largo movimento de luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Independência de Portugal.

É evidente que a unificação do povo português e o desencadeamento dum forte movimento de luta pelos objectivos da Frente Popular não pode obter-se se o povo português ignorar o que é a Frente Popular, quem a constitui e que tática adopta para a consecução dos seus fins.

Ora é esta a situação real que existe no nosso país. É certo que se disse que a «Frente Popular Portuguesa é a coligação das forças antifascistas que pretendem derrubar a Ditadura Fascista». Mas isto não basta, tanto mais que nós vivemos num país onde o povo é enganado constantemente pelo fascismo, que calunia a Frente Popular, desvirtuando-lhe a sua natureza e os seus fins.

Para que as largas massas possam confiar na Frente Popular para que as suas directivas tenham a possibilidade de serem aceites e materializadas, é preciso que as massas saibam que os Partidos e os dirigentes políticos que lhes inspiram confiança fazem parte da Frente Popular. Só assim, também, se demonstrará que a Frente Popular não é o que o fascismo propala mas sim a união de todos os portugueses que amam e querem engrandecer Portugal, tornando-o livre e feliz.

Em segundo lugar, é indispensável que a Frente Popular explique concretamente às massas da população laboriosa o que é preciso fazer e como fazer, para a criação das condições indispensáveis para o derrubamento da Ditadura fascista.

A publicação imediata dum documento que defina o que é a Frente Popular, quem a constitui, quais os objectivos que se propõe atingir e por que meios, documento esse que será assinado por todas as organizações aderentes à Frente Popular e pelas personalidades que gozam de prestígio pessoal, no nosso país — exceptuando, claro está, quem, por questões de conspiração, não estivesse em condições de o fazer. A publicação dum tal documento valorizaria consideravelmente a Frente Popular, seria o ponto de partida para uma mais ampla agrupação de forças e para a organização da luta que constitui a existência da Frente Popular.

Sem deixar de empregar todos os esforços para que o Comité Coordenador da Frente Popular, de acordo com as organizações aderentes, leve a bom termo esta sugestão, o Partido Comunista procurará, por intermédio do AVANTE e da sua organização, explicar o que é e como organizar o movimento da Frente Popular pelo Pão, pela Liberdade, pela Paz e pela Independência de Portugal.

COMO VIVEM OS TRABALHADORES

(COLABORAÇÃO DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)

EM ALHANDRA

SOCIEDADE TÊXTIL SUL
Fomos aqui como Director um sr. Horta que veio há pouco tempo administrar esta empresa e que começou os seus explendidos trabalhos da seguinte maneira:

1.º—Dando ordens aos chefes das oficinas que tenham sob as suas ordens mulheres ou jovens que a mais leve falta cometida os castigasse com uma ou duas bofetadas.
2.º—Proibiu que nenhuma mulher ou rapariga, mesmo à hora de descanso, possa vir de braço dado ao recinto da fabrica. As que forem encontradas assim, serão castigadas com um ou dois dias de suspensão.

3.º—Foi, também, determinado por esse facionista que nenhum operário ou operaria possa dirigir a palavra dum para o outro durante as horas de trabalho. Quem o fizer é castigado conforme a vontade desse celebre director.

4.º—Tocando ao apito às 5 horas da tarde, somos obrigados a ouvir uma prelecção desse sr. Dinis sobre todos esses assuntos e mais alguns, assim como por exemplo: as mulheres só podem ir, durante as primeiras 4 horas de trabalho, duas vezes à retrete, dizendo ele que é suficiente uma mulher ir durante o dia de trabalho 2 ou 3 vezes à retrete. E uma mulher é obrigada a consentir tudo isto, para ganhar, o maximo e de empreitada, uns tristes 2500 ou 3000 por semana, quando não são apenas 800 ou 900 por as peças não darem o despacho preciso e as jovens de 10 a 13 anos, quando de jornal, ganham apenas 2500 ou 2550 e, quando de empreitada, durante toda a semana, ganham 10000 ou 12000 escudos, quando não são 6500 ou 7500.

Camaradas, organizemo-nos para defender os nossos interesses!

FABRICAS DE CERAMICA

Existem aqui cinco fabricas, trabalhando apenas no verão. No inverno abrem só para sair a mercadoria. Os salários são de 2550 ou 3000 para os jovens e de 10000 para os homens, trabalhando as mais das vezes mais de 8 horas debaixo dum sol ardente, como o dos últimos dias, e ainda, quando os fornos acabam de cozer o tejo, a telha ou qualquer dos artigos de cerâmica, são levados aos ombros das jovens, ainda bem quentes, a escaldar, e quasi sempre a cozer, para enfiar de novo e tornar a lancar fogo aos fornos antes deles arrefecerem.

Amigos do Partido

En boa hora	50500
Alho Novo	5500
Telefone	8500
E-partido	2550
Chapéu Pinheiro	20500
Pacóvia	10500
R. Cente Nova	2550
Um leitor do Av.	5500
Um grupo Acta	64500
Amigos Liberdade	10500
TOTAL	177500

A TODO S GUENTI DICABU BERDI

Dijá nhoss sábe qui ná Tarráfa, pertu di Thombem, stá um culón pênal. Lici vênitu cu cingenta i dósse présu sófrê tudo, cuza qui um omi rúnhu i salbaij crê. Ess' omi é Manuel dos Reis, capitón má-láguca, nómi qui todo's guenti tá tchômál. Ess' omi cá omi. El é más piór qui tibarón. El tá furtá présu, tá furtá todo guenti qui tá bendel óbo, galinha, banana, laranja i tudo cuza; el tá furtá gubérnu comércianti, alifândica. El tá dá bafatada ná omi bedju. El tá maltratá présu. Ess cá guenti rúnhu; ess é trabadador sima nhoss. Na sêas terra éss stábá tudu dia ná fabrica, ná cômpu a cavá terra qui cá dês, ná boti á pessá—pêchi qui cá pá éss ná nabu sepi crusto carregadu di suór. Éss stá présu purquê éss cá crê qui ricu tá cuzé qui é di pobri. Éss crê qui todo's guenti tenê di comê. Éss lutá contra gubérnu di Salazar purquê él prótêje ricu, prótêje Bâncu Nacional Ultramarinu i tudu aquêss qui tá éssplorabu.

Nhoss ódjá éss cuza: Bâncu é dono di Cabu Berdi, Bâncu é inimigu di todos. Comerciante qui cá stá ná pedra, quantu's nhoss conchê ná nhoss terra? Culpa di quem é? É di Salazar i di Gubernador, capitón Figueiredo!

Si Cabu Berdi éra gubérnu pur cabuberdianu, pur nhô s mésmu, nhoss cá tinha di pagá tantu dinheiro pá Salazar comprá spingarda pá matá trabadador i pá guarda prezú. Présu qui stá ná Tarráfa éra ná Gubérnu di Cabu Berdi ómi di terra di nhoss. ¿ Quem sábe cuzé qui nhoss méstê? Nhoss mésmu. Si Salazar cá duzá nhoss gubérnu Cabu Berdi, é purquê él flá qui brâncu balê más qui nhoss.

Má nhoss qui é comunista, nhoss tá flá: «Brancu, préti i mulatu, nhoss é tudu ómi, sangui di todo nhoss é brumêdu, nhoss tenê corâon qui sófrê, nhoss tenê fidju cu fômi. Cá brancu qui é inimigu di préti Ricu é qué inimigu di nhoss todo's».

Préti di Tarráfa é amigu di nhoss. Djá éss ódjá lágrima ná rósstu di nhoss, quando nhoss tá ódjá éss cu pedra ná ómbri. Éss tá pídi nhoss pá sserêbe á todo trabadador di Cabu Berdi i pá flá qui éss sábe qui nhoss é sê amigu, nhoss é sê irmu di sufrimêtu.

CERAMICA LUZITANA

Esta fábrica, camaradas, de esta são directores Julio Martins e Augusto Tavares, tem lá operários a ganharem 7500 trabalhando como negros e ainda por cima são maltratados. À hora do almoço até mete pena ver aqueles desgraçados alagados em água sentados pelos passeios a comerem pão seco porque o ordenado não lhes chega para mais. Os patrões ainda dizem que eles são mandriões; em algumas secções são tratados como carneiros dando-lhes roda de c. milos e ursos.

As mulheres ganham 1550 e 3500 fazendo o serviço dos homens; o bandido do encarregado geral obriga-as a puxar ao carro de tejo-las, castigando-as por qualquer coisa.

Também lá existem garotos de 12 a 18 anos a ganharem 2550 e 3500 fazendo serviços pesados de mais para as suas forças.

A fábrica tem uma cantina onde as coisas custam mais caras do que cá fora e onde os operários são maltratados pelo chefe de cantina Antonio Lourenço David e pelo ajudante, o Ganso. Os operários comem só o que eles querem.

Se tem peixe retardado não vendem outra coisa enquanto se não comprar o peixe todo.

E no meio de toda esta exploração, o encarregado geral, Augusto dos Santos, anda sempre metido pelos cantos a espiar o pessoal, para lhes aplicar multas, dias de

FABRICA DE PARAFUSOS

Os proprietários desta fabrica são legionários. Outro dia despediram sete operários antigos e substituíram-nos por seis legionários o um rapaz da Mocidade Portuguesa.

Camaradas: isto marca o início

ALCOCHETE

Dias de Sousa, legionário da Brigada Naval, tem ao seu serviço muitas centenas de cavadores, descarregadores de carvão e trabalhadores de sal. Estes ganhavam 9500. Viviam num tal grau de miséria que há dias resolveram pedir 12500 de salário, o que lhes foi recusado. Puzeram-se em greve, resolvidos a não trabalhar enquanto lhes não dessem os 12500.

Foram chamados socorros a Setúbal, donde veio guarda-republicana com metralhadoras e policia de informação. Os guardas quando chegaram e viram tudo socegado, perguntaram: —Mas, afinal, para quem devemos atirar? —«Estão em greve, são comunistas», responderam-lhes.

O sindicato foi selado. Os trabalhadores enviaram uma comissão sua ao I.N.T. onde apresentaram as suas reclamações—12500 de salário—falando ali da situação de fome e miséria em que se encontravam. O I.N.T. deu ordem para que lhes fossem pagos os 12500. Dias de Sousa pretendeu então que os homens trabalhassem mais uma hora. Os homens recusaram-se e mais uma vez apelaram para Lisboa. Aqui cederam novamente e seguiu outra ordem para que fosse pago aquele salário com o horário de trabalho que estava determinado suspensão e despedimentos.

Camaradas: Unamo-nos e organizemo-nos para nos defendermos desta quadrilha que nos explora!

PROGRESSO (ALCANTARA)

Da ofensiva fascista nesta fabrica, Oponde-vos a que sejam substituídos os operários honestos pelos assassinos da Legião Negra. O fascismo traz a fome e a morte aos nossos lares. Combatamo-lo se não quisermos que nos abata.

Imposto profissional

Um dos nossos camaradas cujo nome não é preciso citar, encontra-se desempregado desde 1933, foi colectado no dito fundo do Desemprego em 1934, sendo intimado em 1935 «sob ameaça de lhe ser feita uma penhora aos seus moveis» a comparecer na Junta da sua freguesia, mas com a IMPORTANCIA de 24000 para pagar o IMPOSTO DE TRABALHO de 1934 (obra do fascismo).

Como se compreende isto, pagar por ter o trabalho de procura e trabalho?

É assim que Salazar enche os cofres do Estado. Em vez de lhes darem trabalho ou darem auxilio aos desempregados, ainda por cima os rouba descaradamente!

Camaradas: Alerta. Se nos opusermos corajosamente faremos cessar esta maldita exploração.

Len.

Cautela com eles!

Amorim—Legionário, da Informação e encarregado dos maquinistas que trabalham com os guindastes eléctricos, da Administração do Porto de Lisboa, no caes de Santos; frequênta a praia de Pedrouços onde tem uma barraca com as cores do «Belencense».

Joaquim Abrantes—Travessa da Cova da Moura, 21 Rês do Chão Esquerdo, bufo da Policia.

CRUZ VERMELHA DA F.P. ESPANHOLA

A.F., Vasco, Y, Manga-da, Mijia, Balbino, An.F., José (a 2550)	20500
Kropotkine, A. anónimo, X., A.V.I., S.F. (a 1500)	5500
João	3550
P.M.	2500
E.I.V.	50500
Do Valentim	20500
Lista n.º 420	27500
Lista n.º 413	26550
TOTAL	154500

Politica de traição nacional

Continuado da 3.ª pagina

fornecimentos que precisava. Quando as negociações pareciam ir em bom caminho, essa comissão recebeu ordem do governo do seu país para suspender as conversações e regressar imediatamente.

O governo tcheco-slovaco descobriu a tempo que as armas não eram para a exercito português, mas sim para serem enviadas a Franco.

Salazar bafou de indignação—tinham-lhe descoberto o jogo—e retorquiu da maneira que se viu cortando as relações comerciais.

Esta attitude do governo de Salazar reforçava ainda mais o isolamento que Portugal se encontrava—para lucro exclusivo da Alemanha e da Italia.

Chama-se a isto politica de TRAIÇÃO NACIONAL!

ASNEIRAS dos salazaristas

Há meses, o delegado português do Comité de Londres, apresentou uma longa exposição contra a U.R.S.S.

Não tendo argumentos próprios, baseava-se em afirmações de certo obscuro jornalista brasileiro e das notícias do «Matin».

O delegado soviético chuchou, sem piedade, do pobre delegado português. Elogiou-o, ironicamente, por saber aproveitar a rara ocasião de fazer figura na arena internacional, botando discurso, em Londres. Disse-lhe que merecia, alguns valores — mostrara ser um colega aplicado. (Os delegados não ocultavam o riso e o alvejado corava). Sómente um senão — prosseguiu o delegado soviético — o arrazoado do delegado português tinha trinta e tal páginas, o que não se usa nas praxes diplomáticas. Depois, fazer um memorando com transcrições do «Matin» — era ridículo!

O representante do fascismo salazarista sofreu um mau quarto de hora, saiu do Comité vexado e escaracento. Mas não teve emenda. Voltou a fazer asneira. E de que havia ele de se lembrar? De dizer que o governo soviético não era um governo legítimo (sic) mas um governo de força. Que o governo soviético não tinha importância, que se podia passar sem a participação soviética... Isto parece inventado, mas é verdade, são os próprios jornais portugueses que publicam o discurso.

Claro está que os fascistas portugueses sabem que o tal país sem importância tem 170 milhões de habitantes, ocupa a 6.ª parte do globo e marcha à cabeça do mundo nas artes, nas ciências, na indústria.

Mas que fazer? Era preciso representar o papel que Hitler distribuiu ao diplomata português para poupar Ribentrop [a] tão má figura.

Resultado. Vejamos como «Le Temps» de 28 aprecia a intervenção do delegado português: «O delegado português tomou parte nos debates para declarar que estava de acordo com tudo o que fora dito um e doutro lado».

Isto é, segundo «Le Temps», o delegado português «era dessa opinião e da contrária».

E dizem os jornais que Portugal está prestigiado no estrangeiro!

Política de Traição nacional

O governo de Salazar cortou as relações comerciais com a Tcheco-Slováquia. Isto admirou muita gente, não sabendo as razões que levaram o fascismo português a uma atitude tão violenta.

A Tcheco-Slováquia é uma nação democrática e progressiva, com uma grande indústria, destacando-se na indústria de guerra como uma das mais importantes da Europa.

Salazar que anda apressadamente a rearmar o exército e a formar a legião, Salazar que é um dos mais activos fornecedores de armamento aos fascistas espanhóis, concedeu uma comissão de 2 mil milhões de réis a uma pobre mulher residente em Portugal, para negociar com ele...

Cont. a n. 2.ª página

A CGT contra a unificação da classe operaria

O último número de «A Batalha» deu um novo retoque à tática, muito particular, que a C.G.T. tem seguido, no que se refere às questões de «unidade». Consiste essa tática em proclamar em altos gritos: «Viva a unidade!» ao mesmo tempo que, praticamente, lhe aperta o pescoço.

Vejamos rapidamente qual tem sido a posição assumida pela CGT nas várias etapas do desenvolvimento da actividade pró-unificação da classe operária:

Princípios de 1936: — Proposta da C.I.S. para a constituição duma nova C.G.T. que não fosse nem anarquista nem comunista — condição essencial para que a ela pudessem aderir os trabalhadores das várias tendências existentes no nosso país. A CGT recusa, proclamando que só aceitará a unificação desde que esta seja feita dentro da actual C.G.T.

Fevereiro de 1937: — O Partido Comunista, para apianar dificuldades e dando mostras dum grande espírito de transigência, propõe a unificação dos sindicatos ilegais em volta da antiga C.G.T. sobre a seguinte base:

a) Adopção de um programa de luta em volta do qual se pudessem mobilizar os trabalhadores das várias tendências proletárias, isto é, um programa de luta com o qual todos estivessem de acordo: luta pela defesa dos interesses dos trabalhadores; luta contra a intervenção do fascismo em Espanha; auxílio ao povo espanhol; luta contra a guerra e contra o fascismo.

b) Reconstituição dos órgãos dirigentes da C.G.T. de modo a ficarem nele representados os vários sectores proletários que na actualidade existem ilegalmente no nosso país. (Mais tarde a C.I.S. levou a sua transigência a aceitar que se comesçasse pela fusão dos organismos de base, desde que fosse seguida de eleições democráticas para todos os órgãos da C.G.T.)

De novo a C.G.T. recusa, apresentando como justificação «os estatutos», «as teses dos congressos», etc., etc. — como se os trabalhadores tivessem que subordinar os seus interesses ao culto fascista de «teses» e de «estatutos».

JOGAR COM UM PAU DE DOIS BICOS

Salazar brinca com a aliança inglesa, brincadeira que pode sair cara ao país. Faz-se um verdadeiro jogo de escondidas, afirmando-se e negando-se ao mesmo tempo coisas que são muito sérias.

Num «Diário de Notícias» de há dois meses, quando nesse jornal e em toda a imprensa fascista se insultava a Inglaterra e a sua política, aparece, perante o espanto de toda a gente, um artigo de fundo de louvores à Inglaterra e de elogio e defesa da aliança. Passa-se pouco mais dum mês e surge o «atentado-bluff». E o discurso, que já devia estar preparado, que Salazar faz aos estados-majores do Exército e da Marinha, é de simpatia pela Inglaterra e de profissão de fé na aliança inglesa.

Ao mesmo tempo um dos seus lug-res-tenentes, o Botelho Moniz, afirmava ao microfone do Rádio Club, que tinha provas que o atentado era obra do «Intelligence Service», a polícia secreta inglesa.

E o «Notícias» que publicara o

que foram aprovados em épocas totalmente diferentes da juela em que vivemos.

No fundo, a posição da C.G.T. era e continua sendo esta: «ESTAMOS DE ACORDO COM A UNIDADE DESDE QUE VÓS SE DISPONHAM A VIR LUTAR PELO A. ARQUISMO E SOB A DIRECÇÃO DOS ANARQUISTAS».

Em 29 de Maio, a C.G.T., talvez para pôr de parte as negociações pró-unidade, envia à C.I.S. e Sindicatos Autónomos um ofício propondo a constituição dum «Comité» composto por um delegado de cada um dos organismos em questão (C.G.T., C.I.S. e Sindicatos Autónomos), o qual teria por fim congregar a acção revolucionária que estes organismos possam desenvolver contra o fascismo.

A C.I.S. responde imediatamente, dizendo estar absolutamente de acordo, embora, na sua opinião, não se devesses pôr de parte os trabalhos pela completa unificação das organizações sindicais.

O Partido Comunista, por intermédio do «Avante!» n.º 35, saudou com imenso júbilo este acontecimento.

Tudo indicava que a Frente Unica entre as três organizações se constituísse imediatamente. Pois foi o contrário que sucedeu.

Até então ainda se encontravam os delegados da C.G.T., C.I.S. e Autónomos para desculhem. Depois o delegado da C.G.T. que anteriormente «só podia aparecer uma vez por semana» mesmo quando havia problemas urgentes a resolver, deixou de aparecer por completo.

E isto depois dos graves acontecimentos de Almeria, em Espanha, que tornavam mais que nunca necessária a Unidade de acção das três organizações.

Última etapa, Julho de 1937: — A C.G.T. publica um número do seu órgão «A Batalha» contra o governo da Republica espanhola, contra o Partido Comunista Espanhol, contra a U.R.S.S., contra a Frente Popular anti-fascista, etc., número que parece ter sido feito para desfazer o pouco que se fizera no domínio da unidade.

(Conclui no próximo número)

O FASCISMO E A cultura nacional

Hitler fez queimar na praça pública todas as grandes obras da literatura alemã que não fossem fascistas.

Em Portugal, as obras primas da nossa literatura não se editam ou vendem-se a preços inacessíveis ao povo.

O povo ignora a verdadeira cultura nacional, desconhece o que há de mais belo e progressivo nas letras pátrias.

Mas o nome dos autores, o simples nome, causa pesadelos aos fascistas.

Era necessário proscrive-los. O povo não deve conhecer, por exemplo, que existiu um Filho de Almeida que zurziu com mão de mestre a depravação do anti-patriotismo, a venalidade das classes dirigentes e descreveu em páginas imorredouras, o esforço e o sacrifício dos que trabalhavam, como em «Os Ceifeiros».

Em Beja, havia um liceu com o nome do grande escritor alentejano, glória da literatura portuguesa. Um decreto do fascismo, acaba de riscar da fachada do liceu esse nome imortal. Doravante, o «Liceu Filho de Almeida», chamar-se-á «Diogo de Gouveias» que, para o fascismo, tem o mérito fundamental de ter sido padre.

Em vão o povo alentejano protestou; Filho de Almeida estava condenado.

Vulgarizar a obra do grande escritor e tornar como exemplo o seu espírito combativo tornando-o em nós organizado e consequente é a melhor resposta que podemos dar ao gesto do fascismo.

A EXPOLIÇÃO DO FUNCIONALISMO

Os serviços da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, denominados Caixa Geral de Aposentações e Montepio dos Servidores do Estado, são a manifestação mais completa da exploração da ditadura para com o funcionalismo, vítimas que, na sua maioria, são velhos e doentes.

Com as pensionistas, além das misérias que lhes pagam, tudo são pretextos para modificarem as condições de pagamento com exigências inesperadas, ou lhes suspendem o pagamento das pensões. Se as pobres reclamam, não são atendidas, são tratadas por forma incorreta ou ainda como se fossem buscar uma esmola e não o resultado da previdência.

Em julho findo, sem aviso prévio, exigiram que as assinaturas fossem autenticadas pelas Juntas de Freguesia respectivas. Deu em resultado que o pagamento de numerosas pensões foi prejudicado e alterado para a data dos atrasados ou seja 10 dias depois! Muitas dessas mulheres são necessitudiníssimas e esses magros escudos nem lhes chegam para comer! Avante-se, portanto, o que será a tragédia de um adiamiento de 10 dias!

As Juntas de Freguesia exigem como mínimo por abonação de cada assinatura \$50, mas sabemos de uma pobre mulher residente na rua Morais Soares, a quem a respectiva Junta de Freguesia extorquiu \$400 pela abonação, negando que era para os pobres da freguesia!

Que pesadelo realizado sob o qual vive o Povo português!

A POLÍTICA DA NÃO INTERVENÇÃO

A política da não intervenção em Espanha não passou dumafarsa.

Contudo, apesar de violada constantemente, a não intervenção constituía de certa maneira um entrave para a Alemanha e para a Itália que queriam agir em completa liberdade quer enviando para Espanha armas e munições, quer enviando tropas sob o pomposo nome de «voluntários».

Os incidentes dos cruzadores Deutschland e Leipzig, o primeiro provocado pela própria Alemanha, o segundo inventado, serviram à Alemanha e à Itália para darem um gope de graça à política da não intervenção.

A Alemanha e a Itália rindo-se de todas as outras potências, apresentaram a grosseira artimanha da neutralidade com reconhecimento de beligerância aos dois partidos em luta.

Desta maneira seria abolida a fiscalização naval, que é a que mais tolhe os movimentos da Itália e da Alemanha, mantendo-se, ao mesmo tempo, a fiscalização da fronteira franco-espanhola.

Isto é manter-se a um controle sobre a França ao mesmo tempo que a Itália e a Alemanha ficavam com as mãos livres!...

O reconhecimento da beligerância dava aos rebeldes a possibilidade de exercerem um controle marítimo no alto mar, ao passo que os republicanos ficavam privados dessa possibilidade por falta duma marinha de guerra numerosa.

Todas as nações reprovaram um plano tão descarado.

Todas, menos Portugal, claro está, que mais uma vez faz o frete aos seus patrões Mussolini e Franco. A Inglaterra propôs-se, então, apresentar um plano que conciliasse a tese italo alemã com a dos outros países.

Resultou um compromisso que visava «harmonizar» os direitos de beligerância com a saída dos «voluntários».

A Itália e a Alemanha aceitaram «em princípio» o plano inglês, sob a condição de que a saída de «voluntários» se fizesse somente depois de concedido o direito de beligerância a Franco.

Sabe toda a gente que a Itália afirmou por várias vezes que os «voluntários» só sairiam de Espanha quando Franco quizesse.

A «aprovação em princípio» do plano inglês pela Itália e pela Alemanha constituiu por conseguinte uma nova farsa.

Só o governo soviético se opôs energeticamente a esta farsa, recusando-se a reconhecer Franco, seja em que condições for, e exigindo a retirada das tropas estrangeiras, incluindo as tropas marroquinas.

O sub-Comité de Londres reuniu-se de novo para apreciar a situação.

Seja o que for que as potências resolvam, uma coisa é certa: o fascismo não abandonará jamais a intervenção se os trabalhadores não o impedirem pelas suas próprias mãos.

Tem pois a palavra... a acção unida de todos os trabalhadores, para que nem mais uma arma nem mais um soldado nem mais um quiló de provisões saia do nosso país para os assassinos do povo espanhol.

Que provocação prepara o fascismo?

Sabemos que os legionários têm recebido ordens para estar preparados para à primeira vez partir para a fronteira; para onde, precisamente, a fazer o quê, não sabem.

Por outro lado sabemos que vários milhares de legionários se encontram já na fronteira onde os obrigam a abrir trincheiras.

Ao mesmo tempo o fascismo intensifica a compra de armamentos. Agora, acabam de chegar a Lisboa 100.000 espingardas inglesas. Para quem, para quê?

Para Franco, ou para levar Portugal à guerra aberta contra a Espanha?

Que provocação de grande estilo prepara Salazar? Povo português, alerta! Não permitamos que o fascismo colabore no massacre do povo espanhol. Ergamo-nos como um só homem e imponhamos a nossa vontade!

Provas da intervenção do fascismo português na Guerra de Espanha

Publicamos algumas valiosas informações providas de fontes absolutamente seguras, que denunciam a infame comparticipação do fascismo português no massacre do povo espanhol.

A fábrica de dinamite da Trafaria, sucursal da «União de Explosivos Espanhola», com sede em Bilbau, está ao serviço dos fascistas espanhóis a quem fornece grande quantidade de dinamite. Antes da guerra espanhola, este estabelecimento funcionava com 14 operários; depois, em Julho de 1935 o seu número foi elevado para 87 homens e mulheres. Em 13 de maio, do corrente ano, por falta de dinheiro, despediram 66 operários. Mas logo, a 15 de Maio, chegavam a Lisboa, por avião, vinte e seis de Burgos, 2 directores da «União de Explosivos Espanhola», os quais traziam a missão de conseguir duma casa bancária, com o aval do governo português, o numerário indispensável para que a fábrica da Trafaria pudesse trabalhar com mais intensidade. A 17 de Maio, o Banco Pinto & Sotto Mayor financiava já esta fábrica que empregou logo 85 operários e elevou a produção a 6 toneladas de dinamite por dia.

Desde Julho de 1936 até 11 de Julho de 1937 saíram desta fábrica, com destino a Huelva e Orense, 1.149 camionetas com dinamite destinada aos rebeldes. As camionetas são acompanhadas pelas polícias de Segurança Pública e de Informações, todos à paisana, munidos de espingardas e pistolas metralhadoras. Temos uma nota detalhada indicando os dias em que saíram as camionetas que por falta de espaço não publicamos.

Canoas carregadas com dinamite, saídas da fábrica, de Julho de 1936 a 11 de Julho de 1937 — 47 com 53 toneladas. Esta dinamite é desembarcada no Barreiro e segue pelo caminho de ferro para a fronteira. Acompanham esta dinamite, pela via fluvial, os guardas fiscais da Trafaria: Pinheiro, Figueiredo, Blasco e Santos.

Carregou, também, dinamite, em frente da fábrica referida, o veleiro «Anfitrião 11», fazendo o carregamento fora do «quadro» das matérias inflamáveis, o que é vedado à navegação.

Como se faz em Portugal o recrutamento para as hostes de Franco

«Unir», no seu n.º 2, publica uma entrevista do seu correspondente, em Madrid, com um dos muitos portugueses que combatiam nas hordas de Franco, e que foram feitos prisioneiros pelas tropas governamentais.

Esse artigo, que para maior veracidade, é ilustrado com a fotografia do entrevistado, é mais uma prova, a juntar a tantas outras, da intervenção aberta do fascismo português na guerra de invasão contra o povo espanhol.

Segue a transcrição:

«Chamo-me José Lourenço, tenho 28 anos, sou pedreiro e vivia em Lisboa na rua Sebastião Sraiva de Lima, 89-2.º D.º. Em 1930, fiz serviço militar em Artilharia 3. Encontrava-me há bastante tempo desempregado, até que em Dezembro do ano passado fui convidado para trabalhar em Badajoz no meu ofício. Aceitei e no dia 7 de Janeiro mandam-me ir ao Consulado de Espanha, na Avenida da Liberdade. Ali disseram-me que seguisse para Badajoz e lá fechar o contrato.

«Os meses de negra miséria que vinha de atravessar, impeliram-me a aceitar a oferta e, no dia seguinte de manhã, embarquei em Cádiz onde de facto — conforme me haviam dito no Consulado — me esperava uma camionete. Eramos 25, mas só travei conhecimento

com 5 que iam à minha volta. Eram 2 electricistas, 2 pedreiros e 1 canalizador. Estávamos convencidos que iam trabalhar pelas nossas profissões.

«Chegámos a Badajoz às 2 horas da madrugada e o homem que nos conduzia deu 4 pesetas a cada um para comer. O referido indivíduo apareceu-nos 48 horas depois quando já nos encontrávamos cheios de fome, acompanhado por um sargento português que era mantido. A fome e o ambiente de terror que se respirava em Badajoz, transformaram-nos em autómatos e foi sem a mínima reacção que tomamos lugar noutra camionete que nos levou para Talavera de la Reina. Ao desembarcarmos, fomos acolhidos e tratados com brutalidade e só então compreendemos qual ia ser a nossa situação... Era já impossível fugir.

«Durante 20 dias, mal alimentados e sob as ordens de instrutores brutais, fizemos uma instrução militar intensíssima. Depois incorporaram-me na 29.ª Companhia da 4.ª bandeira do Frente e mandaram-me para a Frente de Madrid. Entrei em 4 combates No dia 17 de Fevereiro, depois de termos recuado por 3 vezes, deixei-me ficar sentado na trincheira e entreguei-me. Dos outros que vieram comigo, nada sei, e é pena que eles não estejam aqui, pois estavam muito melhor. Nem eu, nem

A CHINA CONTRA A INVA- SÃO JAPONESA

Há dias, um jornal republicano da tarde, afirmou que «a traição» dos generais chineses ao seu povo «culminou — agora, com a bravata — de responder às agressões dos imperialistas japoneses».

Isto é um erro profundo que pode desacreditar a causa justa porque se bate o povo chinês.

Os dirigentes chineses do 29.º Exército, que souberam tomar uma atitude enérgica, diante das agressões nipónicas, não fizeram mais do que agir em obediência ao espírito nacional, que na actualidade anima toda a China.

Presentemente, não existe um único ponto, na China, onde se não manifeste, com a mais viva intensidade, o movimento patriótico do povo chinês pela libertação da sua Pátria do jugo nipónico. Por toda a parte se realizam subscrições populares, em nome do 29.º exército, para reforçar a defesa nacional; por toda a parte se fazem manifestações em que o povo exterioriza a sua vontade de lutar até ao fim, contra o agressor estrangeiro — causador fundamental da miséria do povo chinês e do atraso da China.

Respondendo pela força das armas ao novo avanço das tropas japonesas no norte da China, o povo chinês toma a única atitude capaz de assegurar a defesa dos seus interesses e a integridade territorial da China que o Japão violou com a conquista da Mandchúria, do Jehol e ameaça desfazer por completo, assenhoriando-se de todo o oriente asiático. O contrário, sim, seria uma traição. Mas o povo chinês não se limita a defender os seus interesses. Impedindo o reforçamento do imperialismo japonês, que é o principal factor da guerra mundial e uma das mais fortes barreiras da reacção, o povo chinês presta um enorme serviço à causa da Paz, da Liberdade e do Progresso.

Por isso, devemos apoiar inteiramente a causa justa do povo chinês e protestar contra as novas provocações do Japão na China.

«UNIR»

Com este título, começou a sua publicação, em 8 de Julho p.p., um semanário da Frente Popular Portuguesa órgão dos anti-fascistas portugueses residentes em França.

Este jornal está chamado a desempenhar um importante papel na unificação dos anti-fascistas portugueses, não só dos que se encontram no estrangeiro — mas também dos que vivem no nosso país, e, em suma, na unificação de todos os portugueses na luta pela libertação do nosso país do jugo do fascismo.

«AVANTI» saudá este acontecimento e endereça ao novo jornal anti-fascista, no número de editores colaboradores efectivos se encontra o ilustre democrata dr. José Domingos dos Santos, as suas mais entusiásticas saudações.

«eles, nunca nos passou pela cabeça que nos queriam desgraçar».

«Aqui sou bem tratado, como nunca o fui; mas em todo o caso, merecia que todos os dias me dessem uma sova por me ter deixado enganar tão inocentemente».

«Felizmente estou salvo. Paguei com o meu trabalho o carinho que todos me dispensaram».